

# Cauteloso, FHC evita críticas ao governo Lula

*Para ex-presidente, solução de problemas depende de organização, não de dinheiro*

SILVIO BRESSAN

**E**m uma de suas primeiras aparições públicas após o estouro do caso Waldomiro, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso mostrou ontem que, pelo menos por enquanto, não acompanhará o PSDB nas críticas ao governo Lula. Numa aula de 40 minutos, que marcou a inauguração da Universidade Israelita da Saúde Albert Einstein, em São Paulo, não fez nenhum comentário direto sobre a política nacional e deixou no ar apenas uma alusão. Ao citar o pensador florentino Niccolau Maquiavel (1468-1527) e criticar a tese de que os fins justificam os meios, dizendo que é “moralmente inaceitável”, o ex-presidente ironizou: “Hoje diriam que Maquiavel está preocupado com a governabilidade.”

Depois da aula, porém, Fernando Henrique negou que tivesse feito referência à atual crise política.

“Não deturpem o que eu falei”, reagiu, ao ser indagado se havia um problema maquiavélico com o governo Lula. E, apesar da saraivada de perguntas sobre o escândalo Waldomiro, a economia e até o resultado da eleição na Espa-



No Einstein, FHC fez ironias: “Hoje diriam que Maquiavel está preocupado com a governabilidade”

**Se condena uma pessoa, não pelo que ela fez, mas pelas conseqüências que seu ato provocou**

Fernando Henrique Cardoso

se referiu aos problemas do País em tese. Ao falar do potencial da nova universidade e seus recursos, por exemplo, disse que os meios materiais são importantes, mas não são o fator mais importante. “Já disse, muitas vezes, que as

grandes questões no Brasil dependem muito menos de dinheiro do que de capacidade de organização para fazer o que tem de ser feito.”

Éticas – Fernando Henrique citou o sociólogo alemão Max Weber (1864-1920), um de seus autores prediletos, ao falar do tema “ética da responsabilidade x ética da convicção”. Para Weber, o político tem outra ética, a da responsabilidade, já que seus atos atingem outras pessoas. “Se condena uma pessoa, não pelo que ela fez, mas pelas conseqüências que seu ato provocou em terceiros”, descreveu. No fim, ele foi aplaudido de pé e ganhou uma saudação de um espectador entusiasmado. “A palavra

é saudade”, gritou alguém, para delírio dos demais.

Há oito anos, também numa aula inaugural, na Universidade Sarah, em Brasília, o então presidente Fernando Henrique usou os mesmos argumentos para se defender das acusações de barganha na montagem do novo ministério. “Quantas vezes o político é acusado de ter feito o que não fez?”, perguntou. “Muitas vezes, porém, mesmo acusado de ter feito o que não fez, ele se cala, porque tem de pensar: eu não fiz, mas será que ao tomar tal decisão não criei a possibilidade para que outro fizesse? Portanto, sou responsável”, disse ele, na ocasião. Talvez por isso, o ex-presidente tenha silenciado ontem.

Há oito anos, também numa aula inaugural, na Universidade Sarah, em Brasília, o então presidente Fernando Henrique usou os mesmos argumentos para se defender das acusações de barganha na montagem do novo ministério. “Quantas vezes o político é acusado de ter feito o que não fez?”, perguntou. “Muitas vezes, porém, mesmo acusado de ter feito o que não fez, ele se cala, porque tem de pensar: eu não fiz, mas será que ao tomar tal decisão não criei a possibilidade para que outro fizesse? Portanto, sou responsável”, disse ele, na ocasião. Talvez por isso, o ex-presidente tenha silenciado ontem.

Há oito anos, também numa aula inaugural, na Universidade Sarah, em Brasília, o então presidente Fernando Henrique usou os mesmos argumentos para se defender das acusações de barganha na montagem do novo ministério. “Quantas vezes o político é acusado de ter feito o que não fez?”, perguntou. “Muitas vezes, porém, mesmo acusado de ter feito o que não fez, ele se cala, porque tem de pensar: eu não fiz, mas será que ao tomar tal decisão não criei a possibilidade para que outro fizesse? Portanto, sou responsável”, disse ele, na ocasião. Talvez por isso, o ex-presidente tenha silenciado ontem.